

VÍDEO POPULAR: UMA FORMA QUE PENSA



ARTIGOS

RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

INTERESSES ACADÊMICOS

ATUAL POLÍTICA DO VÍDEO

ATORES SOCIAIS

CONJUNTURA ATUAL

LOCALIZAÇÃO DOS NÚCLEOS

+ CONTATOS

+ MAIS

VIDEOTECA POPULAR

PACOTE DE DVD'S

LOCALIZAÇÃO DOS PACOTES

VÍDEO POPULAR: UMA FORMA QUE PENSA

ORGANIZAÇÃO

WILQ VICENTE



EXPEDIENTE

COORDENAÇÃO EDITORIAL:

WILQ VICENTE E NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

COMISSÃO EDITORIAL:

WILQ VICENTE, DANIEL FAGUNDES, FERNANDO SOLIDADE E DIEGO F.F. SOARES

COLABORADORES NESTA EDIÇÃO:

LUIZ BARATA, ROSE SATIKO, DIOGO NOVENTA E EVANDRO SANTOS

EDIÇÃO FINAL:

WILQ VICENTE

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:

WILQ VICENTE

É PERMITIDO A REPRODUÇÃO PARCIAL OU TOTAL DESTA PUBLICAÇÃO,
DESDE QUE SEJAM MANTIDOS OS CRÉDITOS DOS AUTORES E INSTITUIÇÕES.
OS DADOS, ANALISES E OPINIÕES EXPRESSAS NOS ARTIGOS SÃO DE
RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

APOIO



APRESENTAÇÃO
3. POR *WILQ VICENTE*

INTRODUÇÃO
7. POR *WILQ VICENTE*

VÍDEO COM AÇÃO

12. A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE MÍDIA
JUVENIL DA AÇÃO EDUCATIVA
POR *LUIZ BARATA*

14. CINEMA DE QUEBRADA, ANTROPOLOGIA,
FILME, ENCONTRO
POR *ROSE SATIKO*

16. POLÍTICA DO VÍDEO POPULAR
POR *DIOGO NOVENTA*

VIVÊNCIAS

20. *FERNANDO SOLIDADE*

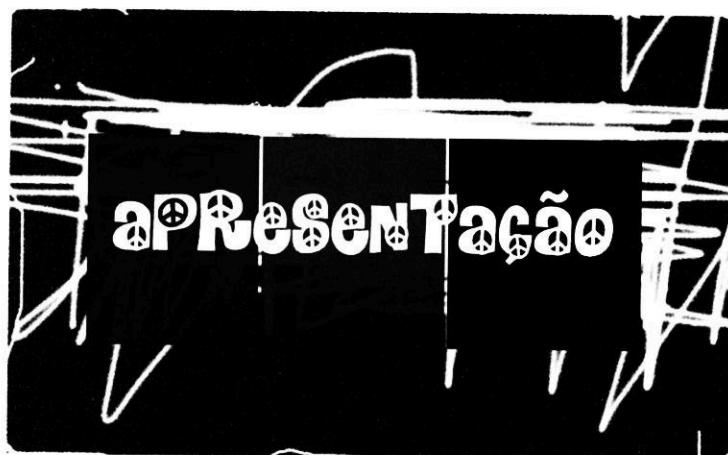
22. *DANIEL FAGUNDES*

25. *EVANDRO SANTOS*

28. COLETIVOS E SUAS LOCALIZAÇÕES

30. VIDEOTECA POPULAR

31. PACOTES DE DVD'S



“No principio tudo é frágil”

Gostaria de convidá-los para uma breve apresentação da experiência audiovisual e do início de um movimento Popular de Vídeo.

Mais precisamente em 2005 o poder público por meio da Coordenadoria da Juventude do município de São Paulo, abriu espaço para um dialogo: de lá surge o Fórum de Cinema Comunitário Jovem (primeiro nome). Reunião permanente de realizadores da região metropolitana de São Paulo que visava multiplicar, ampliar, dar visibilidade e acesso aos meios de produção.

Um dos diagnósticos descrito (neste período) pelos integrantes identificava três demandas principais: ocupar os espaços públicos de projeção audiovisual ociosos na cidade, acessar os meios de produção respectivamente mais acesso as verbas públicas, multiplicação e ampliação de sua formações.

4 Nessa fase inicial participava principalmente (egressos de projetos sociais) realizadores das camadas populares, ao lado de instituições de grande porte (Ação Educativa, Instituto Criar, Novo Olhar, Gol de Letra, Kinoforum) essas, trabalhavam com a formação – todos convidados a debaterem estratégias de fomento a esse boom de produções.

Neste período, ocorreu diversas discussões/reuniões sobre os mais variados temas trazidos pelos os integrantes. Depois de um longo período de diálogos o Fórum de Cinema Comunitário organizou e realizou a Mostra Cinema de Quebrada com a participação de alguns Núcleos tais como: Joinha Filmes, Filmagens Periféricas, Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo, MUCCA entre outros. No diálogo ficou definido que a execução e produção ficaria a cargo dos integrantes (egressos) eleitos entre os representantes dos Núcleos curadores e produtores.

Jovens militantes do movimento de Vídeo Popular com histórias semelhantes, geralmente sem câmeras, mais com perspectivas na cabeça. O trabalho foi intenso, todos os dias (assim como a Semana) íamos até então sede da Mostra para os trabalhos referente à realização desse projeto. A principio era um trabalho novo para os curadores/produtores, mais bem instigante e com bastante profissionalismo. Tínhamos a certeza de uma coisa, estávamos fazendo aquilo com a devida atenção necessária. Queríamos identificar, discutir, elaborar, propor ações para atender nossas demandas a partir da realização de uma Mostra e se possível conseguir uma brecha no poder público. A Mostra Cinema de Quebrada ocorreu durante os meses de outubro e novembro de 2005 com propósito de divulgar os trabalhos dos Coletivos.

Passou-se três anos da Mostra o Fórum deixou de se encontrar com mais frequência devido não só à falta de verba para locomoção dos integrantes, além disso, vários Coletivos conseguiram o aporte de seus projetos pelo VAI¹. O VAI ainda disponibiliza pouca verba, além disso, outros editais apresentam barreiras para participação dos Coletivos alternativos, entre essas barreiras está à exigência do CNPJ.

Estou cansado assim como os meus companheiros de militância de vê verba pública destinada nas mãos de usurpadores cinematográficos. Os Coletivos de Vídeo Popular demandam verbas e editais específicos para pessoas FÍSICAS. Além disso, auxílio para acabar com a dependência das ONG's, dos seus equipamentos, de suas verbas para finalizar suas produções. Queremos verbas originadas pelas esferas públicas: municipal, estadual e federal.

Este fórum, movimento ou simplesmente Vídeo Popular têm por finalidade reunir realizadores, produtores de audiovisual, ONG's, fomentadoras do movimento, representantes governamentais, interessados em geral para elaborar profundamente nossas demandas. Bem como elaborar propostas de políticas públicas, tais como: distribuição, acesso aos recursos públicos, além da formação desses agentes que culturais, e por fim ampliar o debate com novos interlocutores, inclusive de outras cidades, possibilitando o entendimento dessas demandas e de seus desdobramentos em políticas públicas videograficas.

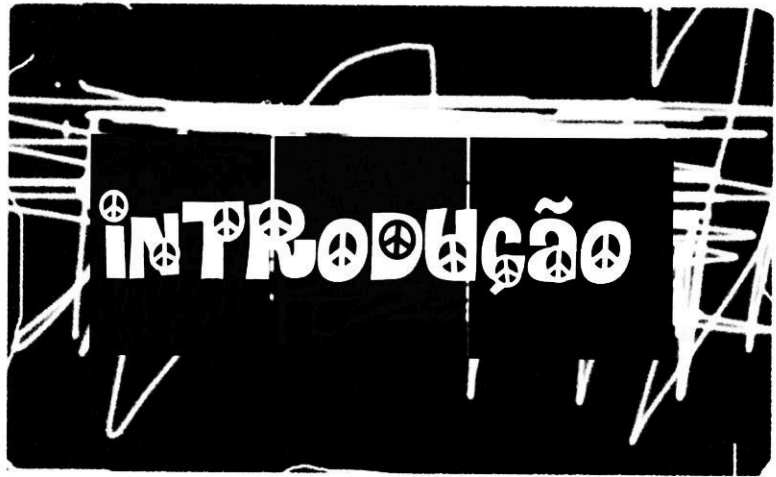
A Mostra queria ampliar, identificar, discutir e elaborar soluções junto ao poder público municipal, em parceria com outros agentes governamentais, com a sociedade civil e com a iniciativa privada.

Gostaria de salientar uma questão fundamental. Estes jovens que formam os Coletivos são estruturados segundo uma dinâmica, dividida em 03 (três) momentos: os Coletivos que só realizam, os que só exibem e os que só ministram oficinas (agentes de formação). A demarcação ou a ordem desses momentos não é rigorosa ou exata mais aproximada, seguido pelo momento atual do grupo, eu cito para apresentar a característica de cada momento bem como para pontuar esse processo.

Se sabemos desse processo porque ainda continuamos no erro. Explico-me, em 2007 no Festival de Experiências Populares no Rio de Janeiro. É fundado o FEPA - Fórum de Experiências Populares em Audiovisual com representantes de São Paulo que por algum motivo esqueceu-se de contar as experiências locais.

2007 na Formação do Olhar - O FEPA veio discutir em São Paulo um possível edital para produção. O que eles não entendiam é que cada cidade têm suas demandas particulares. A plenária (votação) discutiu e acordou as três frentes que a cidade de São Paulo demandaria: produção, exibição e formação. Para alegria de alguns e indignação de outros ficou assim naquele momento. Em novembro de 2007 o edital de Projetos Sociais é publicado pelo MINC para felicidade de poucos e indignação de outros (como eu) o edital só contemplou produção. Uma questão? Como legitimar um processo que não é legítimo? Que representação é essa? O mesmo erro de sempre? O edital é para pessoal física, tudo bem, talvez o único ponto de relevância. Outra questão? Até quando continuaremos debaixo das asas das ONG's? Além do mais, este realizador que concorre ao recurso irá produzir e depois? Com o vídeo debaixo dos braços percorreram lugares para exibir o seu trabalho, talvez caindo no velho ciclo que estou cansado de conhecer no cinema nacional, produzir, sem exibir? Uma dúvida, o que vale mais neste processo: o aprendizado ou o meio (produto)?

¹ Refiro-me ao VAI – Programa de Valorização das Iniciativas Culturais da Secretária Municipal de Cultura da Cidade São Paulo. Link: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/cultura>



INTRODUÇÃO

The image shows a black rectangular box with white text and graphics. The word "INTRODUÇÃO" is written in a bold, white, sans-serif font. Each letter of the word has a small white peace symbol (a circle with a vertical line and two slanted lines) integrated into it. The background of the box is black and is filled with white, hand-drawn scribbles and lines, resembling a rough sketch or a graffiti-style background. The overall aesthetic is graphic and expressive.

O Jovem se constitui pelas suas relações que são cada vez mais mediadas por um mundo imagético, informacional e de novas tecnologias que lhe dê talvez uma compreensão mais aguçada da sociedade em que vive. Até há pouco tempo, produzir e transmitir conteúdos em multimídia eram privilégios de poucos.

Atualmente mudou registrar, fotografar, gravar e editar são atividades acessíveis a todos os interessados que ao passar dos dias atraem e seduzem um número cada vez maior de jovens independente da classe social a que pertence. Da sedução unida à busca em desmistificar a construção da imagem nasce um novo conceito: Vídeo Comunitário, Vídeo Popular e até mesmo Vídeo de Quebrada.

Tal qual ocorrera na década de 80 o vídeo digital promove novamente certo entusiasmo em relação a uma apropriação democrática dos meios de produção e de sua expressão, desta afirmação surge questionamentos que deveram ser respondidos, tais como:

8 *O que então traz à tona este novo ânimo em relação ao ressurgimento do que podemos chamar de novas funções do vídeo?*

Na atual produção de vídeo, podemos destacar os debates envolvendo a realização audiovisual comunitária e/ou popular?

O que é esta expressão?

O que serve como parâmetro para uma proposta do tipo comunitário e/ou popular?

A grande maioria das experiências do vídeo popular surge em meados da década 90 com uma singularidade de dar a câmera ao outro (sujeito) àquele que querem atingir, em vez de simplesmente abrir um espaço narrativo para que este outro (sujeito) coloque sua voz somente.

Outro aspecto importante da produção comunitária está relacionado com a formação profissional, ou seja, a maior preocupação deve ser a de oferecer ao iniciante conhecimento técnico para que ele possa compreender os aspectos econômicos que envolvem a produção audiovisual nacional, talvez ou quase tenhamos certeza que seja este o aspecto mais relevante da atividade audiovisual comunitária. Portanto, abrir as portas para esta inserção significa antes de tudo a transmissão do conhecimento técnico global de captação e manipulação da imagem da tomada à edição final, incluindo formas de exibição e distribuição.

Essas novas experiências do Vídeo popular surgem com o desenvolvimento da tecnologia da imagem digital, condições estilísticas e econômicas que inauguram câmeras

digitais com um formato de gravação com boa qualidade de imagem, viabilização da edição em computadores de uso pessoal desktop, vídeo e etc. É sob este aspecto que inúmeras ONG's tenha incorporado oficinas de técnica e linguagem do vídeo como estratégias de formação cultural-cidadã e semi-profissional aos jovens socialmente apartados dos meios de comunicação.

Apresentaremos um panorama quantitativo dos *Núcleos de Audiovisual Comunitários*, surgidos nas comunidades a partir das oficinas desenvolvidas por essas instituições. Mostraremos o mapeamento dos Núcleos, localização, contato, por fim as atividades desenvolvidas por cada Núcleo em suas comunidades.

Este primeiro exemplar da *Vídeo Popular: uma forma que pensa* conta com a colaboração de profissionais, pesquisadores, parceiros de luta, e claro dos Núcleos de Audiovisual Comunitários e seus integrantes. A intenção desse trabalho é contribuir para o estudo de uma questão básica: *A comunicação democrática*. Convencido que a aquisição do conhecimento é necessária a análise de questões cruciais ao mundo contemporâneo.

A intenção não é outro senão a de colaborar e legitimar as ações dos Núcleos de Audiovisual Comunitários. E ao elaborar o nosso trabalho (coletivo) temos a certeza que ele se justifica desde que ajude a proporcionar uma visão geral, mais clara e concisa das atividades desenvolvidas pelos *Núcleos* que nos parece ser mais apropriado ao entendimento do mundo atual: A partir de suas experiências.

9

ao meu sobrinho Pyetro Myguel

Wilq Vicente
wilqthecat@yahoo.com.br



Desde o início da sua constituição, em 2006, o Centro de Mídia Juvenil tem atuado diretamente junto a jovens que se utilizam do vídeo digital como forma de expressão artística e/ou inserção profissional. Alguns desses jovens estão mais engajados em grupos juvenis, organizações comunitárias ou movimentos sociais e outros buscam espaço para apoio a suas atividades artísticas.

A estratégia desenhada foi a constituição de um centro de fomento e apoio às produções videográficas, por meio de formação continuada a partir de demandas levantadas pelos grupos, disponibilização de acervo multimídia especializado (CDs, DVDs, Vídeos, Livros e Revistas), empréstimos de equipamentos e cessão da ilha de edição para finalização de trabalhos.

Dentro deste período de atuação, entre 2006 e 2008, foi estabelecida uma relação saudável entre os grupos apoiados e a Ong Ação Educativa, responsável pela iniciativa.

12 Desde a construção das regras de empréstimos de equipamentos, passando pelo uso compartilhado das salas e computadores, assim como a construção de redes e estratégias comuns entre os mesmos. Os jovens que freqüentam ou que passam a freqüentar o CMJ acabam por participar de um projeto coletivo maior, que procura potencializar suas iniciativas no apoio e desenvolvimento de suas idéias.

Por um lado identificamos que são poucos os locais/instituições na cidade de São Paulo que possuem esta abertura e diálogo com os grupos juvenis e que, ao mesmo tempo, disponibilizam uma infra-estrutura acessível para os jovens. As iniciativas governamentais encontram algumas dificuldades administrativas para descentralizarem seus núcleos decisórios ou mesmo para criarem mecanismos e instrumentos que facilitem o acesso dos jovens aos meios para criação ou desenvolvimento de seus próprios projetos e iniciativas culturais.

Claro que não devemos comparar a dimensão de um projeto de uma instituição com a de uma prefeitura, ainda mais quando se trata da cidade de São Paulo. No entanto, podemos apontar alguns resultados possíveis de ser alcançados, bem como demonstrar como o projeto de uma instituição tem se desenvolvido.

Percebemos que a oferta de reais possibilidades para uma discussão com os jovens, de forma transparente no que diz respeito aos próprios recursos dispostos e aos limites da instituição com relação às decisões relativas ao uso desses recursos faz com os jovens passem a ser sentir mais integrados e parte de um coletivo. Um exemplo é a divisão da responsabilidade sobre o uso de um equipamento com outros grupos, o que desenvolve um sentimento de pertencimento que torna claro que a falta de cuidado com os instrumentos de trabalho poderá prejudicar outros grupos que se encontrem na mesma situação.

Algumas estratégias que foram definidas no momento de implantação do projeto continuam a ser discutidas com os grupos que fazem uso do Centro. Dentre elas, podemos

citar a consulta na definição das regras de funcionamento, o compartilhamento dos problemas e participação na definição das possíveis soluções, a previsão de recursos para manutenção e seguro para uso externo de equipamentos e o apoio com recursos humanos e financeiros para desenvolvimento de atividades coletivas, como a publicação desta cartilha.

Por outro lado, percebemos que estamos caminhando lado a lado com uma política pública que vem demonstrando resultado, o Programa VAI da Prefeitura de São Paulo. Uma iniciativa que apóia atividades de grupos juvenis e que vem se mostrando como o principal suporte a grupos juvenis que estejam iniciando suas atividades artísticas e culturais na cidade. No caso do CMJ, a percepção é a de que muitos grupos juvenis formados em projetos sociais estão conseguindo acessar recursos para experimentar e desenvolver seus próprios projetos, o que confere uma maior autonomia a esses grupos.

Uma grande parte dos projetos que procuram apoio do CMJ está buscando recursos ou estão sendo apoiados ou já foram apoiados pelo Programa VAI.

A exemplo das reuniões mensais dos coletivos juvenis que atuam com audiovisual, é necessário que cada vez mais esses grupos possam criar canais de comunicação e, ao mesmo tempo, encontrar condições para que se encontrem e possam se conhecer para, juntos, traçar estratégias comuns com relação a suas demandas.

Em setembro de 2008, estreou no Instituto Pólis, no centro de São Paulo, o filme *Cinema de Quebrada*². Na platéia, alguns dos protagonistas do filme, realizadores e exibidores de filmes nas quebradas de São Paulo, gente interessada em discutir processos de democratização do audiovisual, outros curiosos para conhecer o que a diretora do filme, esta que escreve este texto, descrevia como um movimento em torno do vídeo na periferia paulistana.

14 O filme *Cinema de Quebrada* é um primeiro resultado audiovisual de pesquisa que teve início em 2004, quando estabeleci meus primeiros contatos com a recente produção de vídeos comunitários no país, durante a sessão “Formação do Olhar” no 15o. Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo. Desde então tenho acompanhado o que percebo hoje como um movimento³ do qual pude assistir quase os primeiros passos, e que vive um crescimento nos últimos anos. O que em 2004 poderia ser caracterizado como o fomento da produção audiovisual nas periferias por meio principalmente de ONGs e do poder público, hoje precisa ser descrito como algo maior, que revela uma movimentação importante protagonizada pelos próprios membros das comunidades que passam a atuar como realizadores, exibidores e militantes de um movimento pela democratização do audiovisual.

Nos últimos anos, acompanhei festivais, fóruns de discussão em torno do “cinema de quebrada”, assisti dezenas de filmes produzidos em comunidades ou oficinas, conheci grupos que realizam e exibem cinema nos becos e vielas, acompanhei os debates e discussões em torno desta produção em reuniões com a presença de coletivos de quase todas as regiões de São Paulo.

Em comum, o fazer audiovisual surge nestas situações como meio de expressão e de reflexão, “arma” ou “instrumento de uma transformação política e cultural”, como me disse David Vidad, do Arte na Periferia, grupo da Zona Sul. Nos filmes e nos discursos destes realizadores, ouvi com frequência o questionamento às representações midiáticas da periferia e a necessidade de construir novas imagens, contra-narrativas, a partir de suas experiências. O filme *Cinema de quebrada* traz idéias e imagens de alguns dos coletivos e sujeitos que conheci nos últimos anos, como o Filmagens Periféricas (de Cidade Tiradentes, ZL), o Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo (de Taipas, ZN), o Arte na Periferia, o Núcleo de Comunicação Alternativa (NCA) e o Cine Becos, da Zona Sul, além de questões que acompanhei nas reuniões do Fórum Cinema de Quebrada.

Nos filmes, debates, entrevistas, os realizadores e exibidores de quebrada apresentam também seus olhares sobre a periferia e o centro – e as pontes e barreiras entre estes espaços. No processo de pesquisa e de realização do filme, pude perceber a força de uma reflexão inédita, em que o cinema é meio de relação e de transformação.

Quando iniciei a pesquisa, tinha como fonte inspiradora a proposta do antropólogo e cineasta Jean Rouch, que desde a década de 1940 até sua morte, em 2004, realizou

mais de cem filmes, a maioria na África, e defendeu o cinema como meio de partilhar a antropologia. Como Rouch, gosto de pensar na possibilidade de fazer, por meio da produção de um filme, uma antropologia na qual a produção do conhecimento se dá no diálogo com o sujeito pesquisado, e por meio da qual é possível devolver aos grupos pesquisados o conhecimento com eles produzido.

Compartilhar, no processo de pesquisa e realização do filme etnográfico, significou construir um filme ouvindo o que os jovens que conheci têm a dizer sobre o fazer fílmico e o estar no mundo. Construir filmes e textos a partir das imagens que esses jovens realizam. Compartilhar tem sido também estabelecer conversas acerca do que cada um de nós pensamos e fazemos com imagens. O filme Cinema de Quebrada é parte desta conversa, que espero continuar em outras “salas”, em outros “sítios”⁴.

Rose Satiko
satiko@usp.br

15

¹ Professora do Departamento de Antropologia da USP, realizou pesquisa sobre a produção audiovisual na periferia de São Paulo com apoio da FAPESP.

² Mais informações sobre o filme Cinema de Quebrada estão disponíveis no site do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (www.lisa.usp.br)

³ Considero importante a ênfase no “movimento dos movimentos” em oposição à fixação de uma identidade do “movimento”. Na estréia do filme, discutimos, a partir de uma proposição de Fernando S. Soares, do Núcleo de Comunicação Alternativa (NCA), o problema de identificar como um movimento algo que não é homogêneo – as ações e preocupações em torno dos usos do audiovisual na periferia de São Paulo. Quando falo em movimento, não tenho o objetivo de “congelar” e homogeneizar as idéias e ações que observo “em campo”. Penso, como sugere o antropólogo Márcio Goldman, o movimento como espaço de criação de subjetividades, construção de territórios existenciais.

⁴ Um sítio para a conversa é o blog recém-criado Antropologia Compartilhada (www.ffch.usp.br/da/antropologiacompartilhada).

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”

Karl Marx – O 18 brumário de Luís Bonaparte.

O termo Vídeo Popular surge no Brasil a partir do início dos anos 80, momento de fortalecimento de movimentos populares reivindicatórios de oposição ao governo e fase de desenvolvimento tecnológico que tornava a recente tecnologia do vídeo mais acessível ao consumidor médio. Outra característica é a solidificação da televisão como veículo de comunicação influente, atingindo com excelência técnica cerca de 100 milhões de pessoas.

Se por um lado existia um abrandamento da censura, por outro as emissoras de televisão estavam concentradas nas mãos de poucos proprietários que estabeleciam as normas internas de comunicação em coerência com os ideais do Estado que lhes autorizavam o uso da concessão pública de televisão. Os interesses políticos e econômicos do Estado passavam a ser geridos, em parte, pela burguesia desenvolvimentista que utilizando os meios de comunicação de massa atacavam ou ignoravam os movimentos populares. O ponto de vista era único e ideológico.

Com a urgência pela transformação política da sociedade, os movimentos populares através de grupos de comunicadores, passam a se apropriar do vídeo para fortalecer sua voz, sua expressão e contar a história a partir do ponto de vista das camadas populares.

16 Em 1983 se realizou o curso “O vídeo como instrumento de animação cultural e intervenção social”, primeira ação que possibilitou a reunião de coletivos de vídeo ligados a movimentos populares que gerou a necessidade de intercâmbio, fortalecimento e ações em comum entre todos.

A importância desse curso, além de seu pioneirismo, está nas conseqüências de suas reuniões, onde se evidenciou a necessidade de se desenvolver um trabalho comum para colocar em prática algumas idéias discutidas pelos 13 grupos participantes. A opção foi pela organização de um projeto coletivo de documentação do Congresso das Classes Trabalhadoras – CONCLAT² – que iria se realizar, ... , no pavilhão da falida Companhia Cinematográfica Vera. Cruz.³

Importante perceber neste caso como o vídeo popular começa a se fortalecer em conjunto com a união de movimentos de trabalhadores, o que mostra a relação estreita e de influência entre movimentos de objetivos comuns. Não dá para deixar despercebido a ironia do Movimento do Vídeo Popular nascer no “túmulos” do sonho da indústria cinematográfica brasileira.

A partir do ano de 1984 até 1987 se realizam as quatro edições do “Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular” organizados pelos coletivos de rans; para nossa análise vou descrever o programa de trabalho de cada encontro que foram sistematizados por Luiz Fernando Santoro.

I Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular – 1984.

I. Oficinas de trabalho de: fotografia e câmera, sonorização, iluminação, direção de atores, roteiro, edição, metodologia de exibição e básico operacional.

II. Debates sobre os temas: Situação e perspectiva do vídeo nos movimentos populares; Forma, conteúdo e linguagem do vídeo na comunicação popular e A distribuição de programas em vídeo.

III. Apresentação de casos, onde grupos produtores e usuários apresentam e debatem exemplos sobre o uso do vídeo nos movimentos populares.⁴

II Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular – 1985.

- I. A linguagem do vídeo.
- II. Distribuição de programas de vídeo.
- III. Projetos da ABVMP (Associação Brasileira de Vídeo do Movimento Popular).
- IV. Curso Básico de vídeo.⁵

III. Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular – 1985.

- I. Vídeo Popular e a Constituinte.
- II. Formação do Realizador de Vídeo Popular.
- III. Projetos da ABVMP.

Deste encontro foram construídas as seguintes propostas:

- I. *Formação de repertório.*
- II. Metodologia de produção e exibição.
- III. Aperfeiçoamento tecno-operacional.
- IV. Formação teórica sobre comunicação e educação popular.⁶

IV Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular – 1987.

- I. Por que fazer vídeo popular hoje?

Gostaria de chamar a atenção para a importância que foi dada nos três primeiros Encontros do Vídeo Popular a formação e fortalecimento dos coletivos numa perspectiva de que o conhecimento é ininterrupto e da necessidade dos próprios coletivos se responsabilizarem pela distribuição e exibição de seus trabalhos.

Estas estratégias acabaram fundando a Associação Brasileira de Vídeo no Movimento Popular – ABVMP, que com seu desenvolvimento garantiu a posse dos meios de produção, distribuição e exibição de vídeo; criando um circuito produtor e exibidor em todo território nacional e conseqüentemente estabelecendo intercâmbio com países da América Latina. Com a análise dos encontros se percebe que os realizadores do Vídeo Popular não estavam buscando dialogo com a “indústria cultural” ou circuito oficial de exibição de filmes, e sim uma estratégia coletiva para a criação de um circuito de exibição independente que veiculou e debateu trabalhos audiovisuais que contestavam a ideologia dominante. Não estava na pauta dos coletivos pedir espaço para participar do “mundo da cultura estabelecido” mas sim contestá-la e transformá-la via um movimento alternativo, vindo de fora.

Esta coesão só foi possível por um certo “alinhamento” político dos coletivos, se entendia a cultura como política e a ação política tinha objetivos comuns. Os desejos e buscas refletiam na dramaturgia e estética dos vídeos, como observa Henrique Luiz Pereira Oliveira que tentou identificar o que seria o vídeo popular típico “ No vídeo popular típico, o território da existência diagnosticado como problema, em geral, remete ao mundo do trabalho e o sujeito da ação é invariavelmente um sujeito coletivo: ele se configura como agente por pertencer a uma organização que o unifica e potencializa sua ação” .

A importância do coletivo estava nas telas e no modo de agir entre os grupos que tinham muitas vezes atuações locais, específicas e pontuais. A ação local, a micro-política, não perdia pontos de contato com o contexto macro; na década de 80 as diferentes lutas e segmentos da sociedade percebiam com clareza sua interdependência e a importância do intercâmbio. “ No vídeo popular típico as ações locais estão sempre associadas a uma transformação global da sociedade, que não necessariamente é a revolução, mas implica o conjunto da sociedade.”⁷

Esta “fase” do vídeo popular tem seu enfraquecimento a partir de 1989, ano da primeira eleição direta para presidente depois da ditadura. O início dos anos 90 representa uma outra postura dos movimentos, uma outra construção audiovisual popular, “ é sintomático que, apesar

do término do regime militar, a tendência dos vídeos não foi a radicalização da discussão política nem mesmo o desenvolvimento de reflexões mais aprofundadas das relações entre as práticas de comunicação e da educação popular e a formulação de um projeto político para a sociedade.”⁸

Hoje temos as camadas populares cada vez mais representadas pelo cinema e televisão e o barateamento dos equipamentos de vídeo atrelado ao impulso de transformação social está possibilitando a formação e fortalecimento de coletivos de vídeo identificados como “Cinema de Quebrada”, “Cinema Comunitário”, “FEPA – Fórum de Experiências Populares em Audiovisual” ou o que poderíamos chamar de Novo Movimento do Vídeo Popular.

Termino este artigo suscitando a pauta do último Encontro Nacional de Grupos Produtores de Vídeo no Movimento Popular de 1987: Por que fazer vídeo popular hoje?

Diogo Noventa
diogo90@ig.com.br

¹ Neste artigo vou partir da análise de dois textos para levantar questões sobre as possibilidades do Vídeo Popular nos tempos de hoje. Os textos são “O Vídeo Popular no Brasil” de Luiz Fernando Santoro e “Transformações no Vídeo Popular” de Henrique Luiz Pereira Oliveira.

² O congresso terminou com a fundação da CUT – Central Única dos Trabalhadores.

³ Santoro, Luiz Fernando. A Imagem nas Mãos. Pg 64.

⁴ Idem. Pg 67.

⁵ Idem. Pg 68.

⁶ Idem. Pg. 71.

⁷ Oliveira, Henrique L.P. Revista Sinopse. NO. 07 ano III, agosto de 2001. Pg 10.

⁸ Idem. Pg 11.



Gostaria de produzir a imagem-enigma, que como estética tivesse a possibilidade de produzir o questionamento, o pensamento como princípio primeiro... Não necessito de auto-representação ou representação de moradores de quebrada, aliás, sigo na contramão do discurso de “nossas” ONGS atuais, que são um tanto quanto empreendedoras, que batem na tecla da necessidade dos periféricos falarem sobre si; de que esta fala (ou produção de imagens) próxima da realidade que se vive, tem mais autoridade de verdade da que não é; desse discurso que busca a “solução” na auto-representação, na possibilidade de fala dos excluídos, que sabemos muito bem, que não passa de produção, e de uma produção que não alça vãos para além de quem faz, pois nossa atuação fica restrita apenas enquanto “atuação visual”. Estamos entulhados no discurso do “todo mundo pode produzir, hó que lindo!”, mas também entendo que esse discurso está muito mais próximo da lógica que permeia a indústria (cultural, consumista, televisiva, tecnológica...), que não só estimula o consumo, mas também a falsa idéia de que somos livres para atuações verdadeiras nesta sociedade, de que nossa subjetividade está garantida e devemos mostrá-las ao mundo... Vivemos na sociedade da imagem, até podemos produzi-la, mas qual é a nossa real capacidade de decifrá-la? De lê-la? Entendemos sua gramática, sua lógica, sua técnica? Sabemos escrevê-la, ou somos uma espécie de semi-analfabetos da imagem tentando dar suas primeiras escrevinhadas com câmeras produzidas pela Sony, Panasonic, Canon, emprestadas de alguma instituição ou colaborador? Mas o que mais me incomoda, não é essa questão de sermos, ou não, semi-analfabetos na produção de imagens (porque, alias, somos em muitas outras coisas), e sim a fácil/falsa idéia de que basta termos um olhar diferenciado perante a realidade para que esta seja diferente, ou melhor, de que produzir uma imagem diferente da imagem que a “mídia elitista” produz sobre nós, é em si uma afronta e uma possível mudança no imaginário das pessoas em relação aos excluídos, que somos nós: periféricos, pobres, homossexuais, sem acesso, negros, coitadinhos, “meus meninos”, favelados, mulheres, mais um entre a massa, apenas um número...

Gostaria de produzir a imagem-ação, que exigisse de cada um, não a identificação direta com a imagem produzida, mas a busca do que lhes constituem enquanto pessoa, imagem que se desse para além de representar o que as pessoas são, querem, ou podem ser, como faz a maior parte da produção dos nossos dias... Nós grupos, coletivos e realizadores do chamado audiovisual-periférico/independente/popular, que tentamos fugir da lógica mercadológica, do discurso fácil/falso que nos rodeia, temos a responsabilidade (e de certa forma até a queremos), da desmistificação da produção audiovisual (acho que é o que está mais ao nosso alcance), somos um povo que ainda se encanta com a novela das oito; que “perde” tempo em discussões sobre um seqüestro

televisado por três ou quatro dias; que pouco sabe, de fato, sobre nossa economia atual porque ela não é televisada; que tem prazer em assistir a Xuxa, o Gugu, o Faustão (representantes de nosso divertimento)... Vejo a possibilidade de desmistificação quando subo becos apertados, em alguns dos morros da zona norte e me deparo, em um pequeno espaço ao ar livre, com uma projeção de vídeos produzidos fora da lógica comercial, em um domingo para cerca de umas vinte crianças (estou citando em específico o trabalho do Cinescadão), que poderiam estar muito bem trancafiados em casa acompanhados da TV; vejo a possibilidade quando sei que são diversas as quebradas que realizam atividades parecidas (CineBecos, Filmagens Periféricas, Nossa Tela, Brigada de Audiovisual da Via Campesina...), mas também sei e vejo que ainda não passa de possibilidade... Produzimos imagens, correto! Produzimos o imaginário? Tenho mil ressalvas em relação a isso. Ainda somos permeados e atravessados pela lógica do capital. Por quanto tempo resistiremos à falta de dinheiro? Por quanto tempo ainda conseguiremos trabalhar e realizar nossas atividades?

Gostaria de produzir a imagem-fragmento, que longe de produzir a verdade, produza dúvidas, questionamentos, que reclame de cada individuo sua interpretação do "mundo"... Na verdade, não tenho como maior necessidade produzir vídeos, participar de festivais e ser premiado, não necessito e nem faço questão dessa legitimação, aliás, acho que a maioria dos processos que englobam o audiovisual é espetacular; tenho sim, como maior necessidade as atividades que se colocam fora da produção industrial/mercadológica/comercial, e vejo no vídeo a possibilidade de se englobar a tais atividades, como parte do que pode possibilitar uma mudança (por exemplo: organizações sociais; coletivos com propósitos políticos atuantes em comunidades; em conjunto de situações emergentes advindas da realidade e que se dê a partir dela, não enquanto sua representação...).

Nossa produção de imagens deveria resgatar nosso imaginário corrompido, nosso passado destruído, nossas linguagens esquecidas, a nós mesmos... Por esses dias estava pensando comigo mesmo e me questionei sobre qual é a imagem que tenho da periferia, tentando me desvencilhar das imagens corriqueiras (produzidas) de miséria extrema, de armas e drogas, consegui visualizar duas: uma era dois velinhos (um homem e uma mulher), de pele escura, cabelos brancos, cheios de rugas, sentados num beco em um banquinho, rodeados de algumas crianças, contando histórias antigas; a outra era a imagem de tratores empurrando seres humanos para fora de um "centro" (que para mim não significa um centro geográfico, mais econômico e político/ideológico) em conjunto da frase "de que o que está fora do 'centro' é descartável"... Quero produzir imagens não para me englobar, não para ser incluído no mercado de entretenimento, mas para ser parte constitutiva do que pauta a necessidade de mudança...

Fernando Solidade
soliarez@yahoo.com.br

Desafios e Perspectivas

São duas da tarde em um ônibus na periferia de São Paulo. Passa a catraca uma moça de aproximadamente 22 anos, alta, loira, magra, vestindo trajes curtos, típico estereótipo de beleza comum aos olhos da maioria dos homens. Logo torna-se o centro das atenções e automaticamente 3 homens que se encontram na lateral da passagem quase que simultaneamente retiram seus celulares dos bolsos e simulam ver as horas ou ler uma mensagem instantânea. A moça percebe o fenômeno e observa atentamente os celulares que lhe foram ofertados numa espécie de ritual moderno da conquista, em seguida olha disfarçadamente quem porta qual celular numa análise anatômica criteriosa, depois realiza um balanço da “beleza” e do poder aquisitivo do indivíduo que se insinua para ela e equivalendo essas características pode então escolher um dos rapazes para lançar um sorrisinho sem compromissos, que pode dar início a uma conversa ou acabar meramente numa troca de olhares.

Esta corriqueira situação urbana forjada na concretude cotidiana e regada de valores nem sempre construídos pelas personagens que as vivem, é somente um reflexo do apogeu da tecnologia na vida social contemporânea, onde as relações se dão em constante diálogo com o consumismo e exaltação do novo. Quantos de nós reparamos fatos como esse acontecer a nossa volta? Quantos de nós pelo menos em parte não confundimos essa história com a nossa? Um dos efeitos primordiais do avanço da ciência na modernidade é o fato do homem ter tornado-se dependente de aparatos tecnológicos para mediar seus laços humanos e afirmar sua personalidade. E demonstra isso não só quando utiliza um celular da moda, mas também quando deixa explícito seu perfil, sua atitude, sua tribo (ex: tipo intelectual, descolado, empresário bem sucedido) que o codifica quanto ser social. Walter Benjamim atentava a seguinte questão - “Embora o cinema exija o uso de toda a personalidade viva do homem, este priva-se de sua aura. Se, no teatro, a aura de um Macbeth, por exemplo, liga-se indissolavelmente a aura do ator que o representa, tal como essa aura é sentida pelo público, o mesmo não acontece no cinema, no qual a aura dos interpretes desaparece com a substituição do público pelo aparelho. Na medida em que o ator se torna acessório da cena, não é raro que os próprios acessórios desempenhem o papel dos atores”. Nos tornarmos mecanismos inertes na mão da tecnologia é um dos maiores perigos que a modernidade pode trazer a convivência entre os homens, pois quando preferimos nos comunicar por MSN ou orkut em distâncias irrisórias e preferimos ainda mandar abraços virtuais a sensação transcendental do calor humano, petrificamos nossos sentimentos e a vida acaba por perder o sentido. Essa observação habitual além de não ser uma novidade, não pretende incitar apocalipses, mas sim lembrar que a tecnologia deve existir para auxiliar as relações humanas e não criar um espaço onde cada vez mais o homem se relacione com máquinas.

A evolução dos meios de comunicação de massa ao longo dos tempos tem nos suscitado a construção de novos arquétipos, novas imagens mentais comuns, que transportam-se para realidade através de personagens que de tão clichês são possivelmente entendidos como uma herança recente que a nossa mente aprendeu a pautar-se, são os frutos da geração que se desenvolveu na frente de uma tv e/ou computador, tão fluída e tão dinâmica que mal tem tempo para refletir sobre as condições que vive, sobre as relações que tem, que mal tem tempo para formar uma opinião sobre algo, apenas engole tudo vorazmente como se fosse a última refeição a fazer, deixa que a vida da novela torne-se a sua pela falta de tempo de ter suas próprias convicções, de ter sua própria vida. Levado pela inércia num estado de catarze habitual, disfarça sua palidez com um creme qualquer que parece dar vida a pele, mas não a alma.

Na era digital a técnica é fundamental e se manifesta não só no âmbito profissional, mas no jeito que aprendemos a ser e isso é facilmente identificável quando ouvimos frases do tipo “vou investir nessa relação” referindo-se a dedicação ao relacionamento. Ou ainda quando em posição favorável dizemos “estou no lucro”. São falas que povoam o inconsciente coletivo de forma tão sutil e com tanta paixão que nem notamos estar lidando com sentimentos e não objetos de desejo.

As condições de vida em meio a cidade, rodeada de vícios de consumo e rapidez de ações vai envolvendo cada um de nós da forma mais sensível, e nesse ponto somos todos personagens, pois no caos de informações todos tem seu lugar, tanto os empresários, como os ríppies, os camelôs e os play boys, todos podem expor suas opiniões e modos de vida e conquistar ou não adeptos, pois o sistema de coisas já previa nossa tendência aos clãs e apenas tratou de fomentar a segmentação em busca de novos mercados. A moça loira do ônibus ao realizar sua seleção também procura o personagem ideal para seu clã, ela se conhece quanto personagem e conhece seu nicho, assim sendo tem completo entendimento de quem escolher para si, baseada nos valores que foi ensinada a cultivar, pelos programas de tv, pelos pais e pela religião. No ciclo frenético onde cresceu tudo foi ensinado menos a discordância e a reflexão, afinal “tudo tem um padrão e quem muda muito de opinião é volúvel”.

Então como robôs de uma enorme e produtiva máquina seguimos reproduzindo os valores de quem pode contar a história, seguimos repetindo como papagaios uma ladainha que não sabemos ao certo o que quer dizer ou se sabemos empregamos numa realidade não compatível, é quando o oprimido assume o discurso do opressor e passa a viver na eterna esperança da ascensão que de tão abaixo dos pés mais lembra um precipício. Nessa lógica se constroem e se mantêm os mais antigos preconceitos da humanidade, o da mulher dona de casa, o do negro sem alma, o do pobre trabalhador, o do jovem vagabundo, do homossexual pervertido, etc. A cultura depende dos hábitos e valores passados pelas gerações para tornar-se uma realidade social e se essa realidade que vivemos é infestada de conceitos retrógrados e individualistas isso se deve ao fato de que nos adaptamos historicamente as mais duras condições de subsistência negando quem realmente somos em prol de um discurso coletivo minimizador e “pacífico” e nesse contexto vale lembrar uma frase de Mayacovsky “... e por não falarmos nada, já não podemos dizer nada”. Nossa mudez e passividade nos solidificou quanto classe e nos moldou a imagem e semelhança da elite dominante, ainda que nossa essência se desconheça diariamente neste processo, como uma mentira que de tão repetida acaba por tornar-se verdade.

Mas apesar de tudo a era digital tem potencial para servir a outros propósitos mais humanos e conscientizadores, embora haja um turbilhão de problemáticas a serem levadas em consideração, há benefícios que extrapolam o aspecto econômico-social e intervêm diretamente na relação do individuo consigo mesmo e com o mundo. A arte que fora sufocada pelos séculos de mercantilização dos valores é que deveria suprir essa demanda, de reflexão e ação sobre a existência, mas hoje mesmo ela já segue os padrões capitalistas reprodutivos, é o que Adorno chamava de “Indústria Cultural”, a responsável por uma sociedade dependente de mitos e incapaz de julgar autonomamente e conscientemente os fatos do dia-a-dia, um enorme balaio onde a música tem moldes de sucesso público, onde a pintura, a literatura tem moldes de sucesso público, onde o teatro e o cinema tem moldes de sucesso público e fora dessa lógica quase nada sobrevive. E a consequência disso é uma castração sem limites que determina gostos e pensamentos massivos. O que nos é passado é que a arte é imaculada e que ninguém que não tenha “dom” pode concebê-la, mas a essência do homem persiste e como gramíneas que emergem do concreto, inovações teimosas surgem de tempos em tempos dos undergrounds da sociedade e mesmo sendo por muitas vezes usurpada e esgotada pela mídia constituem uma saída louvável para falta de criatividade. E é nesse ponto que a tecnologia vem contribuindo como uma válvula de escape no contexto de estagnação atual, onde tudo parece já ter sido dito ou feito.

Um bom exemplo disso acontece no caso do vídeo onde o barateamento dos equipamentos de suportes digitais possibilitou o acesso a produção de filmes a comunidades que nunca antes puderam expor suas histórias, pelo contrário, ou elas “não tinham nada a dizer” ou apenas se encontravam na condição de personagens de histórias contadas pela “elite intelectual” das classes mais abastadas. Oficinas pipocaram nas quebradas levando o potencial da imagem as mãos calejadas dos jovens das mais diversas quebradas, ongs, associações, etc, disponibilizando o lixo tecnológico de outros países para a “representação do olhar periférico”(como se isso bastasse). Enfim muitos não se contentaram com o fato de não terem câmeras e nem ilhas de edição para a continuidade da produção após o fim da oficina e assim grupos diversos surgiram unidos quem queria produzir mesmo que à duras penas. Não podemos deixar de considerar que esse foi um grande passo na direção da socialização dos meios de produção da arte, passo que possibilita que novas perspectivas sejam lançadas sobre a realidade e que novas percepções estéticas possam

existir, porém como tudo no capitalismo vira produto pode também essa manifestação facilmente transformar-se em algo meramente vendável, por isso faz-se necessário a nova produção videográfica periférica aproveitar seu potencial e lançar novos desafios na área, novas formas de interpretar, de registrar, de montar. Formas essas que busquem uma identidade na vivência e no olhar do personagem e não na reprodução televisiva, na história e não na negação, com atores endiabrados que fujam o roteiro em busca de uma experiência com o "impossível", com filmadoras quaisquer (baratas ou não) que de tão viciais tornem-se o próprio cinegrafista num movimento onde o olhar é subjetivo e não a câmera, sem diretores, sem produção, tão sem regras que possibilite inclusive, se for o caso, utilizar-se de todo o formato do cinema clássico para mostrar sensações nunca antes expressas. Onde também a exibição e distribuição destes conteúdos possa obedecer outras lógicas que não a do lucro em salas de projeção que mais parecem alcovas da alienação. A exibição na rua como forma de reencontro entre as pessoas e entre as mesmas e o espaço público. Obras distribuídas naturalmente nos computadores domésticos por meio de cópias sem direito autoral, uma obra livre na concepção e no contato com o público. Assim como previa Artaud num teatro sem separação entre a apresentação e o público, sem adoração de mitos, com personagens reais que não só estão na tela, mas também fora dela, numa simbiose que não permita separação entre o realizador e o espectador, sem intervenções forçadas, mas espontâneas à ponto de alterar o rumo do previsto. O vídeo como meio dialógico da interação entre os seres, sem rompimento entre a vida e arte.

24 Sendo assim o que acontecerá ? Talvez a modificação dos já surrados moldes televisivos? A modificação da visão de mundo, da consciência popular, dos valores? Modificação que não garante a eliminação do antigo padrão, muitos de nós não saberíamos o que fazer sem os Rambos e Capitães Nascimento do cotidiano virtual que dão sua vida por nós como Jesus já o fez há milênios atrás, na cruz, mas dá ao menos espaço ainda que forçado para que outras formas possam crescer e expandir-se publicamente, amadurecendo processos de autoconhecimento com saberes que podem dar voz aos personagens cotidianos que somos e torná-los agentes de sua própria realidade, agente interventivo no meio que habita, tão mutante e tão belo como tudo que pode viver e tomar decisões independentes.

Daniel Fagundes
fagundes.daniel@gmail.com

Somos um Coletivo de Vídeo Popular composto por 10 pessoas que resolveram se unir para formar outras pessoas em produção audiovisual. Logicamente sabíamos das dificuldades para atingir nosso objetivo: equipamentos, formação técnica e principalmente dinheiro pra tudo isso. Mas corremos atrás!

Nosso primeiro passo foi buscar formação das pessoas do grupo e também atrás dos equipamentos. Pra isso fomos procurar outros grupos já estabelecidos que pudessem nos auxiliar. Tivemos o primeiro apoio do Nós do Cinema que organizou um curso e emprestou os equipamentos. Fizemos um vídeo sobre o bairro do Pari, já que estávamos usando o espaço do Centro de Apoio ao Imigrante que fica no bairro. Nosso curso tinha um momento de lanche que era dado por outra organização a Presença da América Latina.

Acredito que este é um dos caminhos para o surgimento de coletivos e imagino que seja assim para a maior parte dos grupos populares, buscarem parceiras e unir forças.

Nosso segundo passo foi captar recursos. Ser um coletivo e não ter um CNPJ implica na exclusão da maior parte das possibilidades de conseguir dinheiro para realizar vídeos ou qualquer outra coisa. No entanto, na cidade de São Paulo tem o VAI que é uma lei aprovada em 2003 de autoria do então vereador Nabil Bonduki que contempla pessoas físicas para realizar projetos na cultura. Atualmente são 19 mil reais por ano para realizar os projetos e a seleção é por meio de um edital público, portanto as chances são quase as mesmas para todos. O VAI é com toda a certeza um grande incentivo ao surgimento e manutenção dos coletivos populares. O grande problema é o que vem depois do VAI, já que nenhum grupo pode receber mais de duas vezes estes recursos. Mas esta é uma outra discussão que merece uma atenção especial e uma mobilização por propostas a serem construídas.

O Centro de Mídia Juvenil da Ação Educativa é outro grande passo para a realização dos trabalhos audiovisuais dos Coletivos. Este é um espaço onde podemos tomar emprestados sem qualquer custo financeiro equipamentos para as produções e exposições. Lá tem câmeras de diversos tipos, microfones, cabos, projetor, iluminação, lentes, enfim, dá pra produzir o processo é enviar um texto explicando o projeto e agendar.

NOSSOS PROJETOS: formação em audiovisual nas escolas

Em pouco mais de 2 anos já realizamos vídeos, exibimos vídeos e principalmente formamos gente para pensar o audiovisual, claro que primeiro estamos em constante formação de nós mesmos!!

O pensar criticamente o audiovisual e os meios de comunicação em geral é nossa principal meta, não apenas entre nós, mas também em nossas oficinas.

Já realizamos 3 formatos de oficinas e continuamos em busca de novos formatos

sempre: no primeiro semestre de 2007 resolvemos fazer uma oficina para nossa formação, um curso de 6 meses. No segundo semestre fizemos uma oficina de 3 meses, sem grana nenhuma para jovens no CRECA Ipiranga, um abrigo provisório para crianças e adolescentes em situação de rua. Em 2008 montamos oficinas em escolas públicas e no CRECA Ipiranga com duração de 6 meses e financiamento do edital da Prefeitura o VAI.

De qualquer forma nossas formações buscam sempre um olhar crítico sobre os meios de comunicação (quem sabe deixando de ser um meio de comunicação massificado, sem sujeito). Neste sentido, ressaltamos sempre a importância da reflexão sobre as condições sociais que aí estão e as diferenças de classes que são reproduzidas em toda nossa sociedade paulistana, brasileira e mundial. Nosso foco não é uma formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, mas não que isto também não seja importante.

Em 2009 temos dois desafios: ganhamos um edital do Ministério da Cultura de egressos de projetos sociais para produção do curta "Qual Centro?", um documentário sobre o projeto de "revitalização" do Centro da cidade de São Paulo. Além disso, queremos continuar a produzir nossas oficinas em escolas públicas onde pretendemos aprofundar na discussão da interação entre comunicação e educação.

25 Acreditamos que a formação em vídeo e nos meios de comunicação é importantíssima no contexto atual e esta formação deve passar pela escola. Nossa experiência dos cursos realizados neste ano nos indica que não vale a pena inserir um curso de audiovisual fora da grade curricular, a formação foi muito inconstante, muitos alunos entraram e saíram do curso pelo caminho. Talvez um formato diferente possa auxiliar na resolução deste problema da inconstância. É claro que nossa experiência ainda é muito pequena para ser tomada como parâmetro, mas estamos construindo uma nova visão constantemente e esta é neste momento nossa contribuição.

Evandro Santos
evandro.santos@yahoo.com

RELEASE DOS NÚCLEOS

Uma história ainda a ser contada

Release e localização dos Coletivos de Vídeo Populares, obtidos através de um extenso mapeamento.

Núcleo de Comunicação Alternativa - NCA

É um Coletivo de jovens atuantes nas variadas áreas de produção de mídia. Criado em 2006 devido ao impulso de estudantes da Zona Sul da cidade de São Paulo, que vê na produção midiática uma possibilidade de engajamento social. Nossa atuação vai desde produção de vídeo, quanto à oficinas de produção e discussão midiática, exibições e distribuição dos trabalhos independentes em audiovisual.



Local: Interlagos - Zona Sul
Tel.: (11) 8769-2271 falar c/ Diego F.F. Soares
(11) 7180-7707 falar c/ Fernando S. Soares
Email: ncanarede@gmail.com / ncanaredeblogspot.com

Coletivo Nossa Tela

O NOSSA TELA é um coletivo de vídeo popular que atua na produção, exibição e formação em audiovisual, constituído desde 2007. Nosso principal objetivo é a luta pela democratização dos meios de comunicação para isso buscamos nos apropriar dos equipamentos de vídeo e ensinar a "manipulá-los", principalmente em escolas públicas de toda a região metropolitana de São Paulo.

Local: Heliópolis e Tiradentes - Zona Leste
Tel.: (11) 9121.6476 falar c/ Evandro Santos
Email: oficinas@nossatela.com

Centro de Mídia Juvenil - CMI

CMI - oferece empréstimos de equipamentos, além de espaço para elaboração de projetos.

Local: Rua General Jardim, 660 - Centro
Tel.: (11) 3151.2333 ramal 151 -
falar c/ Luiz Barata
Email: luizbarata@hotmail.com

Cineclubes Pólis

O Cineclubes Pólis, vinculado ao Instituto Pólis, matém sessões quinzenais de filmes ausentes no circuito comercial desde 2006, principalmente pequenas produções nacionais e periféricas. Todas as exibições são seguidas de debates com a presença dos diretores, pessoas ligadas à produção ou convidados especiais. O espaço do Cineclubes Pólis constitui também um local de encontro e intercâmbio cultural entre diferentes pessoas grupos e movimentos. A diversidade de temas abordados é fundamental para formação de olhares plurais sobre a realidade e promoção de discussões que incidam no debate público.



Instituto Pólis

Local: Rua Araújo, 124 - Vila Buarque - Centro
Tel.: (11) 2174.6841 falar c/ Luis Eduardo
Email: cineclubes@polis.org.br ou luiseduardo@polis.org.br

Graffiti com Pipoca



Desenho animado, graffiti e vídeo. O graffiti com pipoca é um projeto que faz as idéias estourarem, através

de animações criadas pela matriz do graffiti, genuína manifestação de rua.

Local: Jabaquara - Zona Sul
Tel.: (11) 7177-5878 falar c/ Jeronimo Vilhena
fotolog: <http://fotolog.terra.com.br/graffiticompipoca>

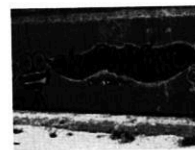
Cine Célula



O Cinecélula é uma frente de ação do Movimento Humanista que trabalha com a democratização dos meios de comunicação audiovisuais. Existe desde 2005.

Local: Santa Cecília - Região Centro
Tel.: (11) 3664-7331 falar c/ Djair Guilherme
Email: djairj@movimento-humanista.org

Cine Campinho



O cine campinho surgiu a partir da idéia de 15 jovens, que viram a necessidade cultural, social e educacional na região do jardim lajeado. Através do audiovisual ampliamos a discussão para que

novas pessoas pudessem participar das atividades de

Local: Guaianazes - Zona Leste
Tel.: (11) 7615-8328 falar c/ Renildo
Email: renildo100sacional@hotmail.com

Cine Becos

O Cine Becos é um coletivo de exibição da Zona Sul de São Paulo surgido há três anos a partir da necessidade de um espaço de reflexão por meio da produção audiovisual. Com o intuito de ampliar esta reflexão para a comunidade circundante o Cine Becos realiza exibições periódicas fixas e itinerantes pelos becos, vielas, escadões e bares. Exibimos desde clássicos do cinema mundial à produções atuais das periferias. No pacote o grupo mostra 2 de seus trabalhos em vídeo: "2 meses e 23 minutos" e "Larôyé".



Local: Jd. Ângela - Zona Sul
Tel.: (11) 8970.3704 (Juliana) ou 7620.6233 (Pixote)
cinebecos@yahoo.com.br
www.becosevielasz.blogspot.com

Flimagens Periféricas



Flimagens Periféricas é um grupo que tem como objetivo introduzir todas as vertentes do audiovisual na periferia e, em um futuro próximo criar uma TV comunitária em cidade Tiradentes.

Local: Cidade Tiradentes - Zona Leste
Tel.: (11) 9877-8886 falar c/ Negro JC
flimagensperifericas@hotmail.com

Favela Atitude



Favela Atitude é um grupo Organizado que atua na comunidade do Jd.Panorama, através da arte, mobilização comunitária, hip hop e eventos. O vídeo foi uma ferramenta recentemente incorporada ao grupo. No pacote mostram os seguintes

trabalhos: "Na real do Real" ... No pacote mostram os seguintes trabalhos: "Na real do Real" ...

Local: Real Parque - Zona Sul
Email: paulatakata@hotmail.com

Mudança com Conhecimento Cinema e Arte - MUCCA



O MUCCA surgiu após a oficina na Casa dos Meninos, no início de 2004. Tem como foco a realização de exposições gratuitas de forma itinerante.

Local: Parque Santo Antônio - Zona Sul
Tel.: (11) 7308-7528 falar c/ Vânia Silva
Email: mucca_cinema@yahoo.com.br

Joinha Filmes



O Grupo de Produção Audiovisual Joinha Filmes se dedica à discussão de comunicação comunitária, livre e periférica, um "coletivo" de quatro jovens originários de áreas de baixa renda urbana, que atua desde 2003 nas áreas de vídeo, arte-educação e rap. No pacote mostram os vídeos "Atitude na Cena" e "Mulheres Negras discutem o tráfico de mulheres".

Local: Cidade Tiradentes - Zona Leste
Tel.: (11) 9522.1923 falar c/ Atily Queen
tielyqueen@gmail.com

Cinema de Guerrilha

Em 2005, na oficina de cinema digital, que teve o apoio do programa VAI da prefeitura de São Paulo, surgiu o coletivo



cinema de guerrilha, coordenado por Graziela Pinheiro, Fulvio Torres e Tiaraju Aranovich, trabalhando com uma visão não mercadológica o grupo redefine o conceito de cinema independente em suas produções.

No pacote o grupo mostra 3 de seus mais recentes trabalhos: "E foi sonhar com ela", "Pela metade" e "Em busca do gozo perdido".

Local: Morro do Querozene - Zona Oeste
Tel.: (11) 8572.6083 falar c/ Fernando Rodrigues
Email: cinemaeanarquia@hotmail.com

Núcleo Microlhar



O Núcleo é um empreendimento de economia solidária, que presta serviços em audiovisual, como à gravação de eventos, edição e produção; e serviços de arte gráfica.

Local: Campo Limpo - Zona Sul
Tel.: (11) 9716.6615 falar c/ Luana Cristina
reviravideo@yahoogrupos.com.br

Arroz, Feijão, Cinema e Vídeo



O Núcleo de Produção Independente Arroz Feijão Cinema & Vídeo, foi fundado em 2003 quando os coordenadores, hoje cineastas e produtores culturais Vanice Deise e Eder Augusto, participaram da oficina de Alfabetização Audiovisual da Associação Cultural Kinoforum, ministrada no bairro da Brasilândia. No pacote mostram os vídeos: "Arroz, Feijão e Macarrão", "Cão de Fogo", "O Último da Fila", "Mãe na Obra" e "A Jogada".

Local: Cohab de Taipas Zona Oeste
Tel.: (11) 8402.3625 falar c/ Vanice Deise
vanicedeise@yahoo.com.br

Brigada de Audiovisual da Via Campesina

Camponeses e camponesas, acampados e acampadas, assentados e assentadas, todos moradores da periferia rural brasileira, começam a se organizar para produzir um contraponto audiovisual à deturpação e violência engendrada pelas transnacionais e pelos representantes do agronegócio. Uma violência que é legitimada e defendida pela grande mídia - através de suas novelas e telejornais - e por cineastas subjugados à lógica comercial.



Local: Campos Elisios - Centro
Tel.: (11) 21310800 falar c/ Felipe
audiovisual@mst.org.br

Núcleo de Cinema e Vídeo COM-OLHAR



O Núcleo de Cinema e Vídeo COM-OLHAR é um Grupo de estudo, produção e difusão, que possibilita aos seus membros realizarem seus sonhos em imagem em movimento.

Local: Cidade Ademar / Pedreira - Zona Sul
Tel.: (11) 5624-7639 / 9283-8699 falar c/ Thais Scabio
comolhar@gmail.com

O Cinema e a Nossa História

Oficinas semanais de vídeo, proporcionando aos jovens da comunidade acesso às técnicas de produção em audiovisual. Exibições de filmes voltados à formação dos participantes, seguidas de debates, cujos temas são a realidade cotidiana das comunidades da periferia.

Local: Jd. Faria Lima - Zona Sul
Tel.: (11) 8351-7774 falar c/ Paulo Rodrigues
paulogangazumba@hotmail.com

Cine Favela

O Cine Favela é formado por um grupo de moradores do Heliópolis, maior favela do Estado de São Paulo, vivem aproximadamente 130 mil pessoas, que trabalha na produção de cinema desde 2001, produzindo curtas, longas-metragens e festivais de cinema.

Local: Heliópolis - Zona Sul
Tel.: (11) 9789-4435 falar c/ William Novaes
cfavela@terra.com.br
www.cinefavela.org

Um dos anseios de nascença do NCA, era ter acesso a produções de vídeos de diversas outras quebradas. Sei lá, saber o que produziam caras de realidades semelhantes a nossa, mas de geografias locais peculiares. Seriam os problemas comuns? Seriam os enfoques iguais? Teriam vindo de oficinas também? Como produzem? Por que e para que produzem?

Outra coisa era conhecer mais a produção do mundo, o que é *Novelle Vague*, o que é cinema de arte, vídeo arte, qual a diferença entre vídeo e cinema, quem é Luis Buñuel, nada de mais, queríamos ter acesso a algo que a sessão da tarde não podia nos dar, e entendíamos que essa não era uma insatisfação só nossa.

Com o pipocar das oficinas de vídeo por várias periferias de São Paulo observamos que a produção que era realizada pelos jovens ficava estocada ou se resumia a uma exibição pública, assim sendo entendíamos que se fazia necessário a existência de um lugar onde essa produção entre outras produções inacessíveis chegassem ao público das camadas populares.

30

Assim nos instigamos a criar a Videoteca Popular, que num primeiro momento se chamava cabeça de vídeo, mas que não vingou devido a falta de incentivo. No ano de 2007 com a contemplação do VAI, concretizamos o projeto e nos instalamos no Jd. São Luiz (zona sul de São Paulo), uma das metas do projeto era realizar 200 empréstimos ao longo de sete meses, acabamos por realizar mais de 1900 empréstimos, dado que comprovou a necessidade de existência da atividade e deu ânimo pra continuidade da ação mesmo que com pouca grana e muito trabalho. Constituímos nessa época um acervo de aproximadamente 600 vídeos que ao longo desses mesmos sete meses não foram extraviados em sequer um exemplar. Nada a toa este resultado, para além de uma “videolocadora”, a videoteca popular é um espaço onde a população tem acesso gratuito às produções e por mais complicado ou diferenciado que seja o conteúdo da obra, não somente realizamos empréstimos, conversamos sobre o vídeo, discutimos o porquê de seu formato, perguntamos aos usuários simplesmente se gostaram do que viram e nessa linha tocamos.

Mas ainda tínhamos limitações, nosso alcance era limitado, heróis eram os que atravessavam a cidade para acessar nossas produções, pois observavam que ainda assim era mais barato que a 2001 (locadora de Boy que tem uns vídeo apampa), assim sendo com a renovação do VAI para 2008 pensamos em como difundir nosso acervo, todos sabíamos que não seria possível, pois a essa altura do campeonato já estávamos com mais de 800 títulos, porém o grosso do acervo de realizadores independentes era viável e necessário, já que não era possível de ser encontrado praticamente em lugar nenhum se não na videoteca ou com os próprios realizadores. Daí criamos um pacote de vídeos, que numa bolsa de tecido cru costurada pelas sábias mãos de dona Maria, estilizada por cinco frequentadores da videoteca popular (Tim, Edu, Helder, Juliano, Marcelino e Jonato), viajará para os quatro cantos da cidade com uma pitadinha de sonho e pronta pra fazer morada nas cucas alheias, apenas uma semente até que num futuro próximo possa haver uma videoteca em cada bairro com a memória do nosso olhar guardada da chuva e solta no espaço, na mão e na mente dos periféricos como nós. Viva permanecerá nossa capacidade de contar e preservar a história que o tempo nos deu.

Localização dos pacotes de DVD's

Mini Cine Tupi

End. Rua Andradina, 29, Jardim Record
Taboão da Serra - SP
<http://www.taboaodaserra.sp.gov.br/>

Ação Educativa

End. Rua General Jardim, 660, Vila Buarque
São Paulo - SP
Email: luizbarata@hotmail.com

Projeto Arrastão

End. Rua Dr. Joviano Pacheco de Aguirre,
255, Campo Limpo - SP
Email: marealta@arrastao.org.br

Cooperifa

End. Rua Bartolomeu dos Santos, 797,
Chácara Santana - SP
Email: poetavaz@ig.com.br

LISA - Laboratório de Imagem e som em Antropologia da USP

End. Rua do Anfiteatro, 181, Conjunto
Colméia, Favo 10, Butantã - SP
Email: lisa@usp.br

Cine Escadão

End. Rua Manoel Aquilino dos Santos, Viela
3, Brasilândia - SP
Email: fggm5@yahoo.com.br

MUCCA

End. Rua Durval Guerra de Azevedo, 705 -
Parque Santo Antônio - SP
Email: mucca_cinema@yahoo.com.br

ACCS- Associação Casa de Cultura de Sapopemba

End. Av. Sapopemba, 9165, 1o. Andar -
Sapopemba - SP

Cinebecos

End. Rua Aurora Maria, 18, Jd. Boa Vista - SP
Email: umpixote@gmail.com

Biblioteca Comunitária Solano Trindade

End. Av. dos têxteis, 1050, Cidade Tiradentes - SP
<http://forcativa.spaces.live.com/>

EMEF Mauro Faccio Gonçalves-Zacarias.

End. Rua Artur José Inácio, 30, Jardim Guarujá - SP
Email: lacerda.socorro@ig.com.br

Sarau do Binho

End. Rua Avelino Lemos Junior, 60, Campo Limpo
Email: abcbinho@yahoo.com.br

Foco de Atividades de Cultura Alternativa

End. Rua Rosália Iannini Conde, 272, Grajaú - SP
Email: faca3x5@gmail.com

Cine Campinho

End. Campinho do Jd. Bandeirantes, s/n,
Guaianazes - SP
Email: brasilresponsavel@gmail.com

Brigada de Audiovisual da Via Campesina

End. Rua Eduardo Prado, 676 - Campos Elíseos,
São Paulo - SP
Telefone: (11) 21310800
Email: audiovisual@mst.org.br

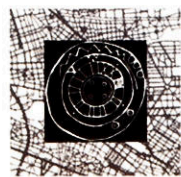
**Maiores informações
sobre os pacotes:
ncanarede@gmail.com**

VIVA O VÍDEO POPULAR!

ORGANIZAÇÃO
WILD VICENTE



APOIO



Instituto Pólis

